

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015,**

**UFES, Vitória-ES**

**Tramas e casos na tentativa de formar um campo literário no Rio de Janeiro**

Maria Cândida Vargas Frederico - PPCIS / UERJ

**Resumo:**

Este trabalho, situado na área de Sociologia da Cultura, visa analisar as relações que compõem o processo da produção do livro nas pequenas e micro editoras atuantes na cidade do Rio de Janeiro. É abordado o processo de admissão de novos escritores a partir de estudos de caso que envolvem algumas trajetórias. Para tanto, realizo uma investigação em torno das relações de troca e parcerias que existem entre os agentes desta produção: escritores, editoras, livrarias, leitores e universidade. A tentativa destes escritores de se colocarem no circuito literário atual aponta para uma busca por reconhecimento social e colabora para um momento de fertilidade e diversidade da produção cultural no Brasil. São investigadas: os papéis de escritor, editor e ainda de escritor-editor que nas pequenas e micro editoras se fundem e produzindo atuações particulares e inovadoras na tentativa da conformação de um campo literário diversificado e democrático.

**Palavras-chave:** Trajetórias; Campo Literário; Pequenas e Micro Editoras.

A intenção deste trabalho é tentar entender o funcionamento do sistema da produção literária atual dentro do mercado editorial na cidade do Rio de Janeiro a partir da compreensão do processo que envolve seus agentes, suas regras e principalmente seus mecanismos de admissão de novos escritores. Sendo assim, esta investigação se propõe a desvendar como um escritor iniciante alcança a chancela para a publicação de sua obra inserindo-se na camada formal da esfera pública. Três casos serão analisados em profundidade: a experiência de W. B. Lemos que publica seu primeiro livro pela Editora Circuito, a trajetória de Érico Braga Barbosa Lima que é escritor e editor em sua própria editora, a Editora Antigo Leblon fundada em 2004 e as experiências de dois poetas, Romulo e David, que produzem manualmente seus livros.

O estudo dos casos de Lemos e Érico apontam para o universo das pequenas e médias editoras onde as iniciativas alternativas aos modelos tradicionais de produção são experimentadas, tanto como a publicação de livros virtuais, o aumento de micro editoras de pessoa física e a formação de associações de apoio mútuo dentro do setor livreiro, gerindo um campo autônomo de produção, divulgação e distribuição das obras. Escritores, editores, associações de editores, livrarias, imprensa, universidade, leitores, eventos e feiras de livros são situados na camada de agentes da produção literária e a análise da interação de cada um destes seguimentos pode fornecer recursos para a construção da investigação deste trabalho.

A LIBRE (Liga Brasileira de Editoras) é uma associação gerida por representantes de pequenas e médias editoras que procuram fomentar a construção de um campo autônomo para a produção, divulgação e distribuição de seus títulos, onde a criação da Primavera dos Livros em 2001 foi fundamental para esta proposta por se tratar de uma feira alternativa à Bienal do Livro no Rio de Janeiro e São Paulo e ao Salão do Livro em São Paulo. A LIBRE funciona em uma dinâmica fora do circuito do mercado editorial estabelecido. O crescimento do número de publicações de escritores iniciantes em pequenas editoras denuncia um processo de mudança no sistema de produção editorial atual, apontando para caminhos mais diretos e independentes onde a realização do lançamento do próprio livro é possível para um escritor que pode ao mesmo tempo ser também editor e promotor de sua obra.

A Câmara Brasileira do Livro aponta em sua última pesquisa do setor em 2012 que 84,2% de editoras registradas no país são de pequeno e médio porte. Este movimento crescente de pequenas iniciativas, indicado pela CBL leva a um questionamento estrutural: como o sistema de distribuição (livrarias, feiras e eventos) atende a esse movimento? Pois o escritor publica, mas não consegue vender. Deste modo, é preciso tentar entender por que editoras funcionam publicando livros que não vendem e o que é necessário para o sucesso de vendas de uma obra – considerando principalmente as experiências de escritores iniciantes no mercado editorial atual.

Este trabalho tem a intenção de localizar a conjuntura social e cultural da produção e divulgação literária atual. As pequenas, médias e micro editoras – pequenas editoras tem faturamento anual inferior a 1 milhão de reais e médias inferior a 10 milhões de reais – são caracterizadas quanto ao seu alcance no mercado editorial e as suas demandas próprias na

fundação de um novo campo cultural no processo da produção do livro. A LIBRE (Liga Brasileira de Editoras) e sua feira “Primavera dos Livros” aglutinam um conjunto destas pequenas e médias editoras, atualmente possui 127 editoras associadas, organiza uma feira literária anual e participa de feiras internacionais na Alemanha (Frankfurt), na França (Paris e Montpellier) e na Argentina (Buenos Aires).

Como um circuito se forma a partir de escritores que se auto leem, portanto, a quantidade de obras distribuídas – tiragens de 300 exemplares em média nas editoras de pequeno porte – não são vendidas e lidas fora destes. “Retratos da Leitura no Brasil” é uma pesquisa produzida pela CBL e publicada pelo Instituto Pró-Livro. Dados da produção literária nacional são analisados e divulgados junto com informações sobre a atualidade dos hábitos de leitura da população brasileira. Esta publicação ocorre a cada quatro anos e seu terceiro volume data do ano de 2012.

Cada produtor é caracterizado e problematizada a sua existência no processo de produção literária que envolve o mercado editorial atual. Estes atores se inter-relacionam e promovem possibilidades no campo da esfera pública. Escritores, editores, escritores-editores, acadêmicos, críticos literários e a imprensa fornecem, a partir de seu entrosamento, um produto simbólico – o livro – que pretende adentrar a camada da opinião pública, pois a atitude de publicar um livro dentro dos moldes oficiais, registrado e comercializado, parece ser motivada principalmente por uma vontade interior do artista e de seus sócios de alcançarem alguma espécie de reconhecimento social, portanto, precisa para isto, participar do comentário geral, tocando as instituições localizadas na esfera pública burguesa.

O caso de Érico Braga Barbosa Lima é a experiência de um engenheiro que abandona sua carreira para se dedicar às letras, transformando sua vida profissional, social e cultural na tentativa de se realizar como poeta. Amparado por seu pai, o escritor Rogério Barbosa Lima, Érico monta a editora Antigo Leblon, – uma referência ao bairro onde morava na infância – pai e filho passam a publicar seus livros por conta própria registrados num selo editorial independente. “Quem mais fala dos livros?!” é um livro de entrevistas organizado por Érico Braga Barbosa Lima com escritores, editores, publicitários e críticos literários com a finalidade de compor a bibliografia de uma disciplina (“O mercado editorial do ponto de vista do autor”) oferecida no curso “A Produção do Livro: do autor ao leitor” na PUC Rio em 2006, Universidade onde Érico atualmente é professor e

coordenador de projetos de pesquisa da cátedra UNESCO de leitura. Sua trajetória ao mesmo tempo traduz o desenrolar de uma tentativa independente de se lançar no mercado da produção do livro e também a experiência de um literato que se apoia à universidade para realizar seus planos profissionais relacionados a análise de um setor – da produção do livro – que consome suas atividades tanto como escritor, editor e acadêmico interessado. Nesse sentido, é possível tentar encontrar a dimensão real da experiência de um escritor editor, sua dupla função no processo da produção do livro e o papel da Universidade como mediadora entre sua atividade de artista e de crítico.

Outro estudo de caso é a experiência de W. B. Lemos, escritor que publica seu primeiro livro pela Editora Circuito, pequena Editora carioca com aproximadamente 50 títulos em seu catálogo. Custeando a publicação de sua obra, Lemos agora tem 400 exemplares do livro “Rasga-Mortalha: Poemas dos outros” para distribuir, contando com a parceria inicial da filial da Livraria da Travessa na Rua do Ouvidor, local onde ocorreu seu lançamento. Editora fundada por um escritor, editor e curador em exposições de arte: Renato Resende que conhece W. B. Lemos por intermédio de um amigo em comum, Ricardo Lima, escritor e crítico literário que além de trabalhar na mesma repartição pública que Lemos também já publicou artigos sobre obras de Renato. Lemos é doutorando em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, onde foi aluno de Ítalo Moriconi, que é professor, escritor, crítico e organizador de diversas coletâneas literárias, de quem Lemos recebeu o presente da orelha de “Rasga-Mortalha”: Poemas dos outros”. Lemos é ator formado pela Escola de Teatro Martins Pena e desenvolve uma atividade artística onde adquire uma identidade temporária que repousa sobre o pseudônimo de “Esperando Leitor”.

Clown que transita pela cidade do Rio de Janeiro distribuindo fragmentos literários para quem quer que seja que decida parar e o escutar; esta sua atividade artística é cotidiana e a partir dela W. B. Lemos consegue distribuir uma quantidade maior de seus livros do que a Livraria da Travessa. Mas, como as redes de trocas simbólicas e contatos privilegiados entre os agentes de mediação do sistema de produção do livro acontecem? Existe uma hierarquia dentre os agentes de mediação do sistema de produção do livro e a preocupação principal deste trabalho se dá em torno dos seguintes questionamentos: Como um escritor iniciante alcança a chancela de uma publicação dentro do mercado editorial brasileiro atual? Quem o chancela? E quais as saídas que as publicações de editoras

pequenas e médias têm para distribuírem suas obras com sucesso? Como estes livros alcançam a esfera pública? Quem pode apresentar um escritor ao circuito?

David Monsores criou o selo editorial “Mar e Rua” pelo qual já publicou seus três livros que estão sendo vendidos pelo próprio artista nas ruas da cidade do Rio de Janeiro a preços populares e cotidianamente entregues diretamente de suas mãos para as dos leitores interessados. David escreve, corrige, diagrama, ilustra, manda imprimir o miolo em gráficas, depois corta (guilhotinando) a capa, confeccionada também por ele, e costura um a um cada exemplar da tiragem de sua obra. Este artista costuma distribuir seus livros de poesia e contos nas portas de centros culturais, cinemas, universidades e bibliotecas públicas. A editora “Mar e Rua” não possui cadastro na Agência Nacional do ISBN e publica especialmente as obras do escritor David Monsores que prefere arcar com a responsabilidade de todo o processo que envolve, autonomamente, a produção do livro.

Rômulo Ferreira também criou sua própria editora e publica de forma independente pelo selo “Outras Dimensões” livros, revistas e fanzines<sup>1</sup> seus e de amigos escritores que lhes concedem o direito de editar suas obras. Romulo já publicou por sua editora uma média de 60 volumes do seu fanzine “Silhueta Art Zine”, 5 volumes da revista poética “ACRE” (que reúne uma média de 20 obras de escritores cariocas e de outros estados do país), os periódicos do Sarau AMEOPoEMA (que acontece mensalmente no centro da cidade do Rio de Janeiro) além dos quase 10 livros que escreve só ou com sua esposa Barbara Barroso. A editora “Outras Dimensões” surgiu para atender a necessidade de publicação das obras de Rômulo e se estendeu ao lançamento de outros títulos, pois se trata do projeto de um micro-editor capaz de produzir para si e para outros um trabalho de qualidade profissional, com correção, diagramação e confecção manual dos livros (com a mesma técnica utilizada por David Monsores para a finalização dos livros). Esta editora não existe nos registros do ISBN, mas é reconhecida como micro empreendimento individual (MEI) com CNPJ de empresa editorial. As publicações desta editora percorrem

---

<sup>1</sup> Zine ou Fanzine são publicações de textos literários ou jornalísticos produzidos de forma independente e sustentados autonomamente em relação a qualquer veiculação oficial ou formal de cultura da Indústria Cultural. Pode-se dizer, ainda, que Zines são publicações de aficionados por um determinado assunto que a mídia oficial não se interessa, como afirma uma ativista pelos direitos animais: “uma publicação independente, feita manualmente sobre assuntos e temas que geralmente a mídia impressa de grande escala não cobre”. Declaração de Mari Posa sobre Zines fornecida para esta pesquisa no dia 04/06/2013. (Fragmento de nota de rodapé da minha Monografia da Graduação defendida e 2012).

o circuito alternativo de literatura da cidade do Rio de Janeiro sendo distribuídas também em portas de centros culturais como as de David Monsores.

O estudo de caso dos projetos editoriais destes dois artistas, que se conhecem, trabalham nos mesmos lugares e apoiam-se um nas ideias do outro é importante para localizar no circuito das micro editoras, iniciativas editoriais autônomas que interagem tanto nos mesmos lugares, saraus por exemplo, quanto em proporções parecidas na produção do livro (quantidade na tiragem e escritor que também é editor). Destacando nestes trabalhos de David e Rômulo o caráter da independência de distribuição que estes artistas imprimem em suas obras, neste sentido, este estudo de caso ajuda a pensar sobre os questionamentos levantados sobre o problema da distribuição e venda dos livros.

Sendo assim, o conjunto de estudos de caso que compõem este trabalho, Érico B. B. Lima e sua pequena Editora Leblon, W. B. Lemos e o custeio de sua primeira obra para a Editora Circuito e o esforço de David e Romulo em publicarem em micro-editoras destacam, cada um ao seu modo e levantando distintos aspectos, a conformação de um circuito atual de pequenas e micro editoras que produzem de forma alternativa aos padrões tradicionais do mercado literário de grandes empreendimentos.

Depois de apresentados as trajetórias dos estudos de caso, algumas relações teóricas podem ser sugeridas: A formação de um circuito composto por pequenas e micro iniciativas editoriais geridas por escritores editores que publicam suas próprias obras incluindo em seus catálogos livros de amigos e títulos selecionados de acordo com critérios particulares, onde seus pares possam comparecer, desse modo, formando clubes de incentivo e afinidades, é analisada sob a ótica dos conceitos de campo artístico e habitus em Pierre Bourdieu (1992).

No sistema da produção literária atual, de acordo com a CBL, 84% das editoras são de médio, pequeno e micro porte, no entanto, a maior parte dos títulos distribuídos em livrarias e divulgados nas mídias são obras publicadas por grandes grupos editoriais. Sendo assim, é possível imaginar que a proporção de obras publicadas pelas pequenas e médias editoras encontra-se em camadas de consumo diferentes das tradicionais, pois a produção deste setor tem um fim localizado em um circuito de distribuição, divulgação e vendas ainda particular e compartilhado entre iguais.

Livros de autores iniciantes que publicam por selos alternativos, mesmo que registrados oficialmente, não conseguem, neste sistema de produção tradicional, romper os

limites de sua promoção inicial, onde o evento do lançamento alavanca praticamente a maior parte de seu sucesso de vendas, depois disto, os volumes são estocados e esquecidos. A saída que aparece como a mais plausível para a distribuição destas publicações se dá dentro de espaços independentes de circulação literária geridos por escritores e editores, críticos e leitores que se auto financiam, promovem e consomem-se uns aos outros. Neste sentido, existe um habitus compartilhado entre estes agentes onde a direção de suas atividades, suas escolhas e apostas são orientadas por seus próprios membros.

Em “*As Regras da Arte: Gênese e estrutura do Campo Artístico*” (BOURDIEU, 1996) analisa a conformação de um campo artístico autônomo que se fundava, diante de dificuldades estruturais onde artistas se viam perdidos entre a decadência dos valores aristocráticos imprimidos à arte francesa e a ascensão de um universo burguês de consumo artístico utilitarista. A experiência de fundação de um novo campo retratada nesta obra ajuda a pensar na atualidade das parcerias entre pequenas e médias editoras, principalmente sobre a existência da LIBRE e da Primavera dos Livros. A característica dominante entre estes micro-empresendimentos localiza-se na vontade geral, entre eles, de se reconhecerem como artistas independentes e de se diferenciarem por uma certa distinção estratégica, pois suas publicações atendem a interesses particulares se inserindo em abordagens alternativas onde a bibliodiversidade<sup>2</sup> é adotada.

Este trabalho busca entender também por que escritores se interessam em revelar para o mundo o conjunto de suas subjetividades, da intimidade que resulta em obra de arte, de um objeto simbólico que pretende, assim, ganhar a esfera pública dos relacionamentos sociais. Deste modo, (Habermas, 1990) em “*Mudança estrutural da esfera pública: Investigação sobre uma categoria da sociedade burguesa*” ajuda, neste trabalho, na compreensão da existência de uma camada de relações político-sociais capaz de definir práticas e pensamentos na sociedade democrática burguesa, sendo assim, as atribuições necessárias que um projeto, grupo ou produto precisam ter para inserirem-se nesta camada são definidas pelo conjunto de instituições que exercem um controle sobre a opinião pública, admitindo ou não novidades.

---

<sup>2</sup> Bibliodiversidade: Termo utilizado na apresentação da LIBRE sobre sua missão de agregar uma diversidade de literaturas que estão atualmente fora do mercado das grandes editoras no Brasil.

A esfera pública se torna o espaço de divulgação de interesses privados que alcançam um patamar de dominação sobre outros interesses de acordo com disputas de poder. A opinião pública surge como um instrumento de mediação e convencimento entre os interesses privados de dominação social que se compreendem como representativos e o restante da sociedade que ainda não atingiu as camadas de decisão da esfera pública. A divulgação literária, neste sistema, se comporta como transmissor da opinião pública, por isso não admite qualquer oferta de publicação que busque se associar ao seu formato de publicidade sem seu consentimento ideológico, no entanto, só parece ser possível para um escritor iniciante obter sucesso e reconhecimento se associado às instituições da esfera pública. Neste caso, a noção de reconhecimento se desloca para uma esfera menor e alternativa à tradicional, onde a divulgação literária depende inteiramente do esforço e alcance de suas atividades dentro de uma camada de disputa interna mais acessível, no entanto, o cunho definidor da esfera pública não se desfaz dentro de pequenas iniciativas.

Isto quer dizer que os conceitos de Habermas sobre a concepção de mudança estrutural da esfera pública pode contribuir e caracterizar um movimento atual que tanto pretende disputar a opinião pública, pois participa do campo oficial da produção literária, com registro no ISBN, por exemplo, quanto porque a esfera pública também, atualmente se apresenta em espaços fragmentados de disputa de poder, as novas mídias revelam esta característica.

De acordo com (FOUCAULT, 1969) em *“O que é um autor?”*<sup>3</sup>, cabe à autoria um papel de entrave à livre circulação, manipulação e composição, onde a obra finalizada restringe em um só nome a responsabilidade e triunfo sobre um esforço teórico de ficção ou não ficção; sendo assim, (CHARTIER, 2014) em *“A mão do autor e a mente do editor”* faz uma espécie de arqueologia do processo editorial moderno buscando nas experiências de Cervantes e Shakespeare fundamentos para afirmar que a noção de Foucault sobre o que é um autor está relacionada diretamente com a apropriação que faz o editor da obra do autor. Neste livro, Roger Chartier considera esta pergunta ainda plausível, apesar de Foucault parecer tê-la esgotado afirmando que “a noção de autor é um dispositivo de controle da proliferação perturbadora de discursos”, deste modo, Chartier insere a esta explicação as relações mantidas entre escritores e editores na produção de uma obra literária e a preponderância do papel do editor neste processo. Esta problemática se

---

<sup>3</sup> In: Ditos e Escritos vol. III.

relaciona com a discussão presente em torno do sistema que envolve o mercado editorial atual, pois é necessário entender em que dinâmica são apresentados os papéis de autor e editor na atualidade, inclusive porque só assim é possível situá-los em um processo de busca por reconhecimento de autoria e status de autor.

Somando-se a esta preocupação, a função do editor caminha lado a lado com a do autor, articulando no sistema de produção do livro os ajustes exigidos e necessários para a obtenção de sucesso da publicação dentro da camada da esfera pública almejada. Roger Chartier aponta para o cuidado e aperfeiçoamento nas edições profissionais que dependem do trabalho do editor em parceria com o escritor, neste sentido, entendendo seus papéis distintos de agentes na produção literária, o escritor-editor das pequenas e médias editoras, analisado neste trabalho, deve ser interpretado também, levando-se em consideração, os limites e desafios de uma junção de atividades que pode ou não comprometer a qualidade da obra em si.

Em “*A aventura do livro: Do leitor ao navegador*” (1988) são abordadas as etapas de desenvolvimento do livro durante a sua história até os dias atuais, onde o formato tradicional do livro vem sendo ameaçado por publicações alternativas como os e-books, por exemplo. Analisando as alternativas de publicação de pequenas editoras nas brechas do mercado editorial, as circunstâncias de existência que esta obra de Roger Chartier apresenta para o livro podem ajudar no entendimento dos rumos desta saída conjuntural. Então, estas abordagens ajudam a entender como, neste processo atual da produção literária, a existência de autores promotores de si mesmos existe sublimando ou não um conjunto de papéis inseridos neste contexto.

(DARNTON, 1979) em “*O Iluminismo como Negócio: História da publicação da Enciclopédia*” aborda a gênese de um empreendimento editorial, a publicação da *Enciclopédia* de Diderot (1775-1800). A abordagem deste texto se insere na tentativa de entender como a divulgação literária se torna uma coisa pública e financiada por negociantes, por vezes desinteressados no conteúdo da obra, mas principalmente, em suas chances globais de alcançar o sucesso editorial de vendas, transformando o livro em um produto industrial. A ideia de Iluminismo associada a esta expectativa empreendedora faz alusão direta ao período histórico caracterizado por aberturas no campo do conhecimento científico e incentivo a teorias ligadas a evolução social, sendo assim, Darnton identifica,

neste período, a virada audaciosa que os setores ligados a produção do livro sofreram para aproveitarem a fertilidade deste momento.

Grandes editoras surgem a partir de polêmicas em torno de livros publicados, Darnton aponta para a necessidade da elaboração de discursos sobre a publicação de livros e o papel da imprensa a serviço das críticas literárias. Robert Darnton, neste livro, colabora para este processo de investigação, pois apresenta em suas análises de um mercado editorial ascendente um conjunto de práticas e métodos adotados por editoras até hoje, além da possibilidade de entender, a partir da experiência da “Enciclopédia”, o que é necessário para a obtenção de sucesso editorial para uma obra literária. O processo estrutural da produção do livro também é apresentado em *“Iluminismo como Negócio”*, pois os cuidados que envolvem desde a impressão, o papel até a divulgação, a propaganda e os lucros estão em evidência.

*“Intelectuais à Brasileira”* de (MICELI, 2001) investiga através da trajetória de literatos como Lima Barreto, Mário de Andrade e Manuel Bandeira o desenvolvimento do campo literário brasileiro na primeira metade se século XX, se tratando de interpretações de memórias e biografias destes escritores que remontam a história recente deste país. Os capítulos *“A expansão do mercado do livro e a gênese de um grupo de romancistas profissionais”* e *“Os intelectuais e o Estado”* de *“Intelectuais à Brasileira”* são fontes de exemplos para a elaboração desta pesquisa, pois retratam experiências reais de escritores que alcançaram o cânon a partir de uma trama de relações pessoais e políticas que envolvem o mercado editorial e inter-relações entre agentes da produção do livro. As experiências retratadas neste livro são fundamentais para ajudar na compreensão e interpretação dos estudos de caso deste trabalho.

Este trabalho não pretende, neste momento, concluir nenhuma das sentenças levantadas, ele se preocupa, a princípio em localizar este campo de investigação que é o mercado editorial atual. As informações sobre o estudo dos casos apresentados e as possíveis abordagens teóricas fazem parte da dissertação de mestrado que será defendida no próximo ano, que a esta altura, poderá responder a tais questionamentos.

## **Bibliografia:**

ARAÚJO, Emanuel. A construção do Livro. Editora Nova Fronteira e Instituto Pró- Livro, Rio de Janeiro 1986.

BARCELLOS, Marília de Araújo. O Sistema Literário Brasileiro Atual: Pequenas e médias editoras. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-RIO, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção. Editora Zouk, Porto Alegre 2ª ed. 2013

\_\_\_\_\_ As Regras da Arte. Editora Presença, Lisboa 1ª ed. 1996.

HABERMAS. Mudança estrutural na esfera pública. Editora UNESP, São Paulo 1ª ed. 2011.

CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. Editora UNESP, São Paulo 1ª ed. 2014.

\_\_\_\_\_ Autoria e história cultural da ciência. Azougue Editorial, Rio de Janeiro 1ª ed. 2012.

\_\_\_\_\_ A aventura do livro: Do leitor ao navegador. Editora UNESP, São Paulo 1998.

DARNTON, Robert. O Iluminismo como Negócio. Editora Companhia das Letras 1ª ed. 2008.

ELIAS, Norbert e Scotson, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Zahar. Rio de Janeiro. 2000.

FILHO, Plínio Martins (org). Relações Editoriais. In: Livros, Editoras e Projetos. Ateliê Editorial, São Paulo 1997.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: Ditos e Escritos: Estética, Literatura e pintura, Música e Cinema. (vol. III). Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2001.

MICELI, Sergio. Intelectuais a brasileira. Editora Companhia das Letras, São Paulo 1ª Ed. 2001.

FAILLA, Zoara (Org.). Retratos da Leitura no Brasil. Volume III. Instituto Pró- Livro, São Paulo, 2011.

HALLENWELL, Laurence. O Livro no Brasil. Editora EDUSP 3ª ed. São Paulo, 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Impressões de Viagem. CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/70. Editora Aeroplano, Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_26 Poetas Hoje. Editora Aeroplano, Rio de Janeiro, 2001, 4ª ed.

LEMOS. W. B. Rasga-Mortalha: Poemas dos outros. Editora Circuito, Rio de Janeiro 1ª ed. 2014. 18

LIMA, Érico Braga Barbosa. Quem mais fala dos Livro(s)?!. Editora Antigo Leblon, Rio de Janeiro 1ª ed. 2006.

MATTOSO, Glauco. O que é Poesia Marginal. Ed. Brasiliense, 1982 São Paulo, 2ª edição.

MAGALHÃES, Henrique. O que é Fanzine. Editora Brasiliense, São Paulo 1993.

OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). Literatura e Mídia. Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro; Editora Loyola, São Paulo, 2002.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Retrato de Época: Poesia Marginal Anos 70. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981.

REIMÃO, Sandra. Mercado Editorial Brasileiro. Editora Com-Arte: Fapesp, São Paulo, 1996.